

O amor é um belo risco¹

"Pergunte-se a si próprio se morreria caso fosse impedido de escrever. Isto, acima de tudo – questione-se no silêncio mais profundo da noite: tenho que escrever?"². A recomendação vem num livrinho que considero dos mais preciosos para, seguindo os passos de Moisés (Ex 3,3), nos adentrarmos na sarça ardente e vermos o que é a essência de uma vocação. Rilke, então já um escritor consagrado, dirigia-se a um jovem candidato ao sacerdócio da escrita, anuindo aos pedidos que este correntemente lhe formulava no sentido de obter conselho. A mesma condicional pode ser aplicada com toda a propriedade ao seminarista: vê se precisas deste caminho para uma particular configuração a Cristo como do próprio ar que respiras; não deixes de te interrogar, continua a procurar como se este, assim canta Sérgio Godinho, fosse o primeiro dia do resto da tua vida. Porque, quando deixares de o fazer, já não O encontras³. Passou por ti e não deste por isso. Passaste ao lado. Deixaste-te dormir⁴.

Como não há vocação autêntica que não seja poesia, nem poesia que não seja criação (e vice-versa, leia-se e releia-se o Génesis), nem sequer criação que não remeta para um acto de amor e, portanto, para o Deus que segundo João o é por antonomásia (1 Jo 4,16), não encontrei nada de mais acertado para propor nesta Semana de Oração pelas Vocações. Na Igreja, e dados os ventos fortemente desfavoráveis que sopram de um mundo alheado da mensagem cristã, o tempo é de transição, de um antes para um depois, o que a todos exige redobrados esforços, na certeza de que todos empenham o melhor de si para dar à Igreja jovens pastores capazes de vir a ser sinais de contradição (Mt 10,16; Lc 10,3), desafio a um mundo que, escarninho, faz sempre questão de nos lembrar, não vá a nossa pobre memória atraiçoar-nos, a crise de vocações; um mundo "surpreendentemente" sedento de espiritualidade.

Feita a opção de amor em que, como diria Pascal, apostamos a vida, pomos o coração no prego⁵ como letra ou penhor (mas o amor é isso mesmo, um "belo risco", como um dia advertiu Platão), o seminário é um tempo para, primeiro, discernir a vocação e, depois, aspergi-la com o hissopo, amassá-la. Purificá-la. Abraçá-la segundo os critérios da Igreja obriga o candidato ao presbiterado a renunciar a muito do que era sonho, projecto, desejo de realização pessoal, a despi-la de motivações obscuras, aquecê-la ao lume novo de um ministério que se pretende o seja efectivamente (ou seja, serviço pobre, casto e obediente). Por paixão a Cristo e à Igreja. Com amor a uma tradição viva, aos homens nossos contemporâneos, a um futuro em formato de esperança. É difícil? É. Mas já Virgílio sabia que *amor omnia vincit*. "Não vou só, tenho um Amigo a meu lado", diz em sentido de *missio* – missa e missão – um conhecido cântico eucarístico.

O seminarista caminha com confiança. Dá um passo de cada vez. Não quer tudo ao mesmo tempo. Quando Siddhartha, no seu sinuoso processo de descoberta vocacional, procurando o seu caminho entre o povo, se apresenta a um rico mercador,

¹ Texto adaptado a partir do publicado no Anuário 2007/2008 do Seminário Conciliar de Braga.

² R.M. RILKE – *Cartas a um jovem poeta*. Carcavelos: Coisas de Ler, 2004, p.9

³ Este o sentido e o valor daquela que deve ser uma das preces "de cabeceira" do teólogo que, pelo Baptismo, todo o crente está chamado a ser: "Fazei que todos aqueles que consagram a vida à investigação da verdade, a encontrem, e, encontrando-a se esforcem por buscá-la sempre mais" (vem nas Vésperas de segunda-feira III). Omessa! Então temos que procurar o que já encontramos? Prodigioso Deus que a cada passo nos desconcertas, Te escondes e logo a seguir Te revelas (Is 45, 15-19).

⁴ Antes fosse o sono profundo, criador e criativo (*tardemah*) em que YHWH fez mergulhar Adão para lhe mostrar o "osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2, 21.23)

⁵ É esta a tradução mais fiel ao texto original para Jr 30, 21c: "Pois quem arriscaria a sua vida (= poria o coração no prego, empenharia o coração), aproximando-se de mim? – oráculo do Senhor" (cortesia de D. António Couto, de quem tive o prazer de ser aluno na disciplina de Pentateuco).

este pergunta-lhe o que aprendeu ele que possa dar. "Sei pensar, sei esperar, sei jejuar"⁶, responde o jovem samana. O que parece inútil é às vezes o mais vital.

No seminário – melhor, em seminário - não se caminha sozinho, caminha-se "com". E na certeza de que a Meta, por paradoxal que pareça, não está inteiramente à frente do atleta (1Cor 9,24). "A meta (...) caminha ao lado do viajante (...). Ou espera pelas costas (...). Na realidade, ele tem-na dentro de si desde sempre e viaja para o centro imóvel da sua vida (...) – onde a infância e a morte, entrelaçadas, confiam uma à outra o seu recíproco segredo"⁷. Caminha-se "com", portanto. Não só com a Meta mas com todos aqueles que nos podem ajudar a descobri-la, que são simultaneamente os mesmos aos quais somos chamados a mostrá-la, porque o dom não é para ser guardado (Mt 5,15; Mc 4,21; Lc 11,33). Nisso consiste a tarefa. Caminhamos "com". Caminhamos juntos.

O lema deste ano dos seminários arquidiocesanos, "Dom e Compromisso em Família", ajuda-nos a perceber melhor a importância desta exigência de vida comunitária no processo de aprofundamento vocacional. Não se pretende, obviamente, opor à carne e ao sangue uma filiação concorrente. Trata-se, isso sim, de assimilar a identidade apostólica que será a marca do futuro presbítero, de redescobrir e testemunhar a beleza do ideal rasgado pelas primitivas comunidades cristãs (Act 2, 42-47), onde se pretendia que todos fossem responsáveis por todos. "A filialidade biológica é apenas a figura primeira da filialidade; mas pode perfeitamente conceber-se a filialidade como uma relação entre seres humanos sem laço de parentesco biológico"⁸.

Num espaço como o seminário, onde se cruzam alunos de diversas proveniências, idades, referências e mesmo percursos vocacionais, uma construção deste tipo não corresponde a uma utopia mas a um desafio. A docilidade ao dom e o respeito do compromisso são condições fundamentais para tornar viável a vida em comunidade, sob pena de não haver entendimento possível. Basta que haja alimento. "Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão". Este alimento vai o seminarista buscá-lo à oração e ao estudo - desde que rezado, porque o Deus em que acreditamos não é uma ideia, mas uma Pessoa com quem estabelecemos uma relação empenhando, simultaneamente, a nossa inteligência, afectividade e vontade, ou seja, tudo aquilo que, como já dizia S. Agostinho, faz de nós pessoas inteiras.

Vida interior e estudo – as actividades principais do seminarista. Nesta casa, a primeira passa, além da oração pessoal, pela celebração comunitária da Liturgia das Horas, a Eucaristia diária, a exposição do Santíssimo, a recitação do Terço, os retiros e recollecções espirituais, a direcção espiritual, a celebração frequente do Sacramento da Reconciliação. Quanto ao estudo, na faculdade ou no seminário, nas aulas de solfejo e canto gregoriano, no canto coral e na polifonia, nos cursos e estágio de catequese, deve ser orientado numa tripla dimensão: crescimento numa fé adulta, visão pastoral, construção de uma síntese.

Mas o dom e o compromisso nesta família não se esgotam nas vertentes intelectual e espiritual. Alargam-se, porque não estamos aqui para ser servidos mas para servir (Mt 20,28; Mc 10,45), aos outros dois pilares de formação apresentados por João Paulo II⁹, a formação pastoral e humana. A primeira passa em grande medida pela articulação entre a instituição e as paróquias onde os seminaristas começam já a experimentar e viver os sabores e dissabores do ministério ordenado; a segunda prende-se, em síntese com o saber estar, a disponibilidade para o outro, a aprendizagem da

⁶ H. HESSE – *Siddhartha*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Minerva, 1974; Minerva de Bolso, 35, p. 70

⁷ C. CAMPO – *Os imperdoáveis*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005; Teofanias, 3, p. 25

⁸ E. LÉVINAS – *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. Lisboa: Edições 70, 1988; Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 7, pp. 62-63

⁹ Cf. *Pastoris Dabo Vobis* 43-59

solidariedade entre irmãos que, por diferentes que sejam, partilham a mesma aventura, o mesmo amor apaixonado a Cristo.

Deste ramalhete de formação dependerá o fruto do trabalho daquele que é ordenado para, cooperando com o Bispo, presidir a uma comunidade, uma outra família, a Igreja particular, que a um tempo contém a Igreja universal e é por ela contida (LG 23). Se foi bem preparado, o jovem presbítero poderá um dia erguer ao alto, em oferenda a Deus, os molhos de espigas (Sl 126,6); doutra forma, nada colhendo porque nada semeou, arrisca-se seriamente a não passar de um cego conduzindo outros cegos (Lc 6,39). Na Carta aos Romanos, S. Paulo, falando da falta de fé de Israel, já não culpa o povo eleito, mas atribui responsabilidades mais a montante, porque a fé não nasce de geração espontânea: não há anúncio sem envio, escuta sem anúncio, fé sem escuta, liturgia sem fé (Rm 10,14-15). O primeiro elo desta cadeia de evangelização é, portanto, o enviado. Eis a responsabilidade e o sabor do ministério que aguarda o seminarista.

Sabemos e repetimos que sem os excessos do amor, apenas com voluntarismo, toda a missão – toda a vocação - está comprometida pela raiz. Só o amor paga a incerteza do amanhã, o ir avançando no presente entre escolhos e ruínas. O seminário não forma funcionários mas homens de Deus. No convívio da diferença, onde, qual bom samaritano, se carrega o outro, se ousa ficar para trás.

Ora, o amor em sentido activo está no dar, no dar-se. "Dar é a mais elevada expressão de poder. No próprio acto de dar comprovo a minha força, a minha riqueza, o meu poder. Esta experiência de vitalidade e poder reforçados enche-me de alegria. Sinto-me a transbordar, a gastar, vivo, e, por isso, alegre. Dar proporciona mais alegria do que receber, não por ser uma privação mas porque o acto de dar se torna uma expressão da minha vitalidade"¹⁰. O amor não é, portanto, do foro privado, antes se comunica, como bem o sente a Sulamita que "empresta" o amado às donzelas (Ct 1,3) e convoca as mulheres de Jerusalém para o interior da relação (2,7), que interroga os guardas acerca do seu paradeiro e o procura pela cidade para o fazer entrar na casa materna (3, 1-5), enquanto ele convida os companheiros para o banquete (5,2), até todo o quadro desaguar numa dimensão sócio-familiar. Dom e compromisso em família (8, 8-9).

As mesmas alegrias do Cântico com Bentinho e Capitu. Quando finalmente casam, após uma cumplicidade cultivada, diríamos, desde o berço, o cálice transborda. Impossível guardar o filão do amor para si. Confessa ele que "não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também. E quando eu me vi em baixo, pisando as ruas com ela, parando, olhando, falando, senti a mesma coisa. Inventava passeios para que me vissem, me confirmassem e me invejassem"¹¹.

Tal como a rosa do peregrino querubínico de Silesius, o amor é sem porquê. Talvez por isso só ele seja digno de fé, como dizia Balthasar. Amor além das razões como o de Pedro e Inês ou o de Soror Mariana Alcoforado. O amor de Heloísa e Abelardo, exclusivista, disjuntivo, quase a tocar o sacrilégio mas de certo modo veículo para a união com o divino. Ela chamava-lhe *unice* (único) e compunha-lhe uma litania com "só tu" como refrão, sabia-se a sua única¹², ecoando o louco amor do Cântico (6,9).

Nesta Semana de Oração Pelas Vocações, queremos mais uma vez, Senhor, caminhar ao Teu encontro!

Miguel Miranda

¹⁰ E.FROMM – *A arte de amar*. 1ª ed. Cascais: Pergaminho, 2002; Biblioteca Pergaminho, pp. 31-32

¹¹ M. DE ASSIS – *Dom Casmurro*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2007; Livros de Bolso, p. 120

¹² Cf. L. VASCONCELLOS (trad) – *As cartas de Abelardo e Heloísa*. Lisboa: Guimaraes Editores, 2003, pp. 145-181